

#Descolonizando_saberes: potencialidades de vozes insubmissas de mulheres negras nas ciências

RESENHA

Gustavo Augusto Assis Faustino
E-mail:
gustavoaugusto531@gmail.com
Universidade Federal de Goiás,
Goiânia, Goiás, Brasil

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares Pinheiro. **@Descolonizando_saberes**: mulheres negras na ciência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020, 92p.

PANORAMA GERAL DA AUTORA E OBRA

Trata-se de um livro editado pela Livraria da Física, que no panorama editorial brasileiro tem sido vital para sustentar e fomentar a diversidade cultural, de direitos humanos e diversidades na educação em ciências.

Bárbara Carine Soares Pinheiro é autora da obra e idealizadora da página no instagram intitulada @descolonizando_saberes, sendo esse livro fruto deste trabalho. A obra é precisamente uma divulgação de nomes da ciência africana e afrodiáspórica, de exemplos de destaques mulheres negras, que contribuíram para a socialização das produções científico-tecnológicas das ciências biomédicas, matemáticas e tecnológicas.

O livro, inicialmente, contém o prefácio da Profa. Dra. Joana D’Arc Félix de Sousa docente da Escola Técnica Estadual – ETEC Prof. Carmelino Corrêa Júnior, na cidade de Franca em São Paulo. Joana conta sobre a sua infância marcada por preconceito e discriminação. No entanto, ela também se refere que, na sua casa, era onde encontrava a felicidade e a força para estudar e vencer na vida, pois, conforme relata na página XI do livro, “para as mulheres negras, a conquista de determinados direitos e de determinados espaços é muito mais difícil, além de não termos condições e nem tempo de sermos frágeis”.

Por sua vez, na apresentação a autora narra sobre o surgimento da ideia do livro que tem por intuito reunir as narrativas e contribuições de mulheres negras contando a sua própria história. Dessa maneira, Bárbara Carine Soares Pinheiro professora do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia (UFBA), assim como tantas outras pessoas na academia, não se reconhece e não se vê no quadro docente. Numa perspectiva de difusão de uma ciência “negra” criou a página no instagram @descolonizando_saberes e, posteriormente, idealizou o livro que tem uma dimensão de desafio que é um projeto político para uma contribuição emancipatória, pois “falar sobre nós mesmas é um processo de escrita que não é trivial, pois nos ensinaram que não só não sabemos escrever, publicar, pesquisar,

mas também me ensinaram que na academia não se fala de si mesma” (PINHEIRO, 2020, p. 13), propondo assim escrituras dela e coletivas de mulheres negras.

DESVELANDO AS TRAMAS: Narrativa sobre Bárbara Carine Soares Pinheiro

Pinheiro (2020) inicia o primeiro capítulo intitulado “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes: a química, a negritude, a maternidade, o amor, a revolução, o mundo cabem em mim” trazendo a sua narrativa de sua herança familiar da Bahia, que está ligado a sua vivência com sua bisavó, avó e a sua mãe. A autora explica que se percebeu negra na sua adolescência escolar, aos quinze anos no ensino médio, quando integrou um coletivo negro estudantil, ouvindo ali histórias de vidas cruzadas de pessoas de sua cor e que passam por dores similares.

Terminou o ensino médio em 2005, prestou o vestibular para nutrição, foi aprovada na terceira chamada, só que descobriu esse fato anos depois. Ao passo, ministrou aulas de química, física e matemática enquanto se preparava para o vestibular do próximo ano. Ali percebeu que gostava das áreas ditas exatas, e na inscrição do vestibular, optou por Química por compreender que havia maiores oportunidades de trabalho. Ingressou no curso de Química da UFBA em 2007, onde enfrentou diversas dificuldades sociais, econômicas, de classe e raciais. O desafio era complexo, mas como ela explica, não havia condições nem tempo para ser frágil. Concluiu a sua graduação em quatro anos, ingressou no mestrado em 2011/1 no Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS), concluindo em um ano e meio, ademais, progrediu para o doutorado em 2012/2 por meio de uma seleção interna do programa, defendendo o doutorado em 2014/2 em dois anos e meio, tornando-se doutora aos vinte sete anos.

Após diversas aprovações em concursos, em 2013, a nossa autora, foi aprovada para o cargo de professora efetiva do Instituto de Química da UFBA. Pouco depois ingressou em 2016 para o corpo docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, além disso, criou a disciplina “Descolonização de Saberes: a contribuição da ciência dos povos africanos e afrodiáspóricos”. Atualmente é coordenadora do Grupo de Extensão Show da Química, líder do Grupo de Pesquisa Diversidade e Críticidade nas Ciências Naturais (DICCINA) e Vice-diretora do Instituto de Química (IQ) da UFBA. Conforme explica ela mesma, “hoje me defino pesquisadora crítico-decolonial, feminista antirracista, nordestina, pagodeira, bissexual, mulher cis negra, mãe, mas também não me defino, me abro num movimento constante de construir-se ou talvez de ser construída” (2020, p. 11). Não obstante, foi mãe no dia 25 de maio de 2018 (dia nacional da adoção) de Lana Pinheiro Andrade, que nasceu em 07 de maio de 2018. Segundo ela explica, a sua maternidade teria vindo a ser o motivo que idealizou a Escola Afro-Brasileira Maria Felipa “com o intuito de proporcionar para filha uma infância protegida das opressões de um mundo elitista, racista, sexista, transfóbico, LGBTfóbico, que é, em síntese, opressor” (PINHEIRO, 2020, p. 11).

DESVELANDO AS TRAMAS: História das Ciências e Descolonização de Saberes

Historicamente, o nascimento da ciência tem sido reconhecido como um fenômeno que surgiu no continente europeu, negando todos os saberes

produzidos por povos não europeus, sendo homens cisgêneros, heterossexuais e brancos. Em outras palavras, negligenciaram todos os conhecimentos médicos, químicos, farmacológicos, arquitetônicos, artísticos, culinários, sanitários, astronômicos e matemáticos dos ambientes culturais e sociais da África. No entanto, segundo Pinheiro (2020), aprendemos nos espaços de formação pedagógica e acadêmica que a Filosofia, Matemática, Literatura, História, Medicina, Geografia, Biologia, Direito, Química surgiram na Grécia.

Dessa maneira, uma breve busca na literatura da história da África mostra que todas as transformações têm destaque bem anterior à da Grécia antiga. Por sua vez, faz-se necessário desconstruirmos tais perspectivas visando o cumprimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, além de resgatar e valorizar as narrativas das produções africanas e afrodiáspóricas.

DESVELANDO AS TRAMAS: Mulheres nas Ciências Biomédicas, nas Tecnologias e na Matemática

Por fim, no último capítulo, Pinheiro (2020) nos agracia com diversos nomes de grandes mulheres negras nas áreas como as ciências biomédicas, matemática e tecnológicas, com objetivo de socializar essas potências intelectuais com o intuito de tornar públicas suas histórias. Nesse sentido, cada página do livro contém uma história de vida e inspiração das produções das cientistas negras africanas e afrodiáspóricas, conforme o quadro 01 apresenta em ordem alfabética.

Quadro 01 - Mulheres negras nas áreas das ciências biomédicas, matemática e tecnológicas.

Nome das cientistas negras	Ano
Alice Augusta Ball	1892 - 1916
Annie J. Easley	1933 - 2011
Buyisiwe Sondezi	1976 -
Denise Alves Fungaro	1959 -
Dorothy Wanja Nyingi	1973 -
Eliza Maria Ferreira Veras da Silva	1944 -
Enedina Alves Marques	1913 - 1971
Flemmie Pansy Kittrell	1904 - 1980
Francine Ntoumi	1961 -
Gladys Mae West	1931 -
Henrietta Lacks	1920 - 1951
Ijeoma Uchegbu	1970 -
Ivone Lara	1921 - 2019
Jane C. Wright	1919 - 2013
Jarita Charmian Holbrook	1965 -
Jewel Plummer Cobb	1924 - 2017
Joana D'Arc Félix de Souza	1963 -
Katherine Johnson	1918 - 2020
Mae Jemison	1956 -
Mamie Phipps Clark	1917 - 1983
Marcelle Soares Santos	1982 -

Marie Maynard Daly	1916 - 2003
Marie Van Brittan Brown	1922 - 1999
Mary Winston Jackson	1921 - 2005
Merit Ptah	2700 a. C. - ?
Nadia Ayad	1994 -
Nair da França e Araujo	1931 - 2018
Nashwa Abo Alhassan Eassa	1980 -
Octavia Butler	1947 - 2006
Odília Teixeira Lavigne	1884 - ?
Patrícia Bath	1942 -
Quarraisha Abdool Karim	1960 -
Rapelang Rabana	1985 -
Rebeca Davis Lee Crumpler	1831 - 1922
Sarah Boone	1832 - 1904
Segenet Kelemu	1957 -
Sonia Guimarães	1956 -
Taynara Alves	1990 -
Valerie Thomas	1943 -
Virgínia Leone Bicudo	1915 - 2003
Viviane dos Santos Barbosa	1975 -
Vivienne Lucille Malone-Mayes	1932 - 1995
Wangari Muta Maathai	1940 - 2011
Zélia Ludwig	1968 -

Portanto, esse livro se torna uma das grandes referências com os nomes das mulheres negras que tanto contribuíram para o desenvolvimento científico e tecnológico das ciências. Além disso, suas perspectivas abrem espaço para que mais mulheres negras ingressem na academia, tornando-se um grande potencial, não só acadêmico, mas também político, social e humanístico para todas as seguintes gerações de cientistas.

REFERÊNCIAS

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares Pinheiro. @Descolonizando_saberes: mulheres negras na ciência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

Recebido: 31/05/2020.

Aprovado: 01/06/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v13n42.12474.

Como citar: FAUSTINO, Gustavo Augusto Assis. #Descolonizando_saberes: potencialidades de vozes insubmissas de mulheres negras nas ciências. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 13, n. 42, p. 365-, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Gustavo Augusto Assis Faustino

R. R-2, 63, Alameda Palmeiras - Chácara Califórnia, Goiânia - GO

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0

